

A AGRICULTURA CAMPONESA NO MUNICÍPIO DE PLANALTO (PR)

Daniela Damo – UNIOESTE – Francisco Beltrão
danielazd@yahoo.com.br

Marcos Aurelio Saquet – UNIOESTE – Francisco Beltrão
saquetmarcos@hotmail.com

Introdução

Nesta pesquisa pretendemos conhecer o processo de apropriação e construção do espaço no município de Planalto, localizado no sudoeste paranaense, enfatizando aspectos das dinâmicas econômica e cultural, principalmente, da indústria, da produção agrícola e da identidade italiana. O período estudado corresponde ao pós-1950.

Para isto, consideramos, até o momento, o processo da colonização italiana ocorrida no século XIX, no Rio Grande do Sul, descrevendo características da trajetória, desde a saída de sua terra natal, até a chegada ao Rio Grande do Sul, e, a migração posterior, ao Paraná, especificamente para Planalto. Muitos destes colonizadores são provenientes do *quarto núcleo* de colonização italiana no Rio Grande do Sul, denominado *Silveira Martins* (localizado nas proximidades de Santa Maria). Também, já estamos identificando algumas das implicações desta migração na economia e na cultura no município de Planalto/PR. E uma das características principais é justamente a agricultura camponesa.

O desafio é fazer uma detalhada investigação empírica e teórica, para compreender a dinâmica do vasto movimento migratório da colônia Silveira Martins, até sua chegada ao município de Planalto/PR. Assim, estamos preocupados em analisar o conceito de território e, a partir disto, compreender a territorialização e desterritorialização, seus motivos e implicações na organização espacial, como a prática agrícola, industrial, elementos identitários, muito bem definidos, na culinária, religião etc.

Metodologia

Para começar entender esse processo migratório, foi preciso destacar algumas famílias do município de Planalto. Buscamos essas respostas nos cartórios de registro civil, onde verificamos certidões de nascimento e casamento, para analisar datas de nascimento, origem e data de chegada desses migrantes oriundos, principalmente, do Rio Grande do Sul. Então, estudamos estas famílias no CPG (Centro de Pesquisas Genealógicas) de Nova Palma/RS. Isto foi fundamental para conhecermos melhor a vida dos colonizadores de Planalto.

Também foi de suma importância o IBGE, onde obtivemos dados da população, agricultura, migração, indústria e estrutura fundiária. Alguns órgãos serviram de apoio na coleta de dados, como o Sindicato dos Trabalhadores Rurais, com o registro das agroindústrias familiares, bem como a Prefeitura Municipal de Planalto.

Referencial teórico

Mas o entendimento teórico de alguns autores também não pode deixar de ser destacado. Assim, evidenciamos Saquet (2003), que trata do desenvolvimento da colônia Silveira Martins, pois serviu de

base na elaboração inicial de nossa pesquisa; Haesbaert (1997), faz uma abordagem muito interessante sobre a territorialidade e identidade cultural de migrantes gaúchos. No que se refere à definição de território, não podemos deixar de destacar o autor Milton Santos, que aborda o ser humano não como um ser isolado, mas como ele se relaciona e se distribui, acarretando mudanças sociais no local.

Para SANTOS (1988), o espaço assume, hoje em dia, uma importância fundamental, já que a natureza é transformada quando os lugares são atingidos de maneira direta ou indireta pelas necessidades do processo produtivo.

Para SANTOS (1988), assim, podemos acompanhar como a raça humana se expande e se distribui, acarretando muitas modificações demográficas e sociais como ocorreu na segunda metade do século XIX com o início da imigração maciça dos países “velhos” (Itália, Polônia, Alemanha) para as chamadas nações “novas” (Brasil, Argentina, Uruguai) onde se instalam centenas de milhares de europeus.

Conforme este mesmo autor, o ser humano está sempre em busca de melhores condições de vida. Assim as migrações podem ser entendidas como a busca de novos “lugares” para atender as necessidades de que precisam para sobreviver. Então podemos dizer que a geografia pode ser definida como ciência dos lugares e dos homens. Segundo SANTOS (1988), estudar uma região é mergulhar nas relações, formas, organizações, estruturas etc.

Já para HAESBAERT (1997), o território deve ser visto não apenas como um domínio, ou controlado politicamente, mas também como uma apropriação de dimensão simbólica, identitária e, porque não dizer, afetiva com o território. Segundo HAESBAERT (1997), não podemos entender o território, sem compreender suas três vertentes básicas: *Jurídico-Política*, majoritária na geografia, na qual o território é visto como um espaço delimitado e controlado, onde se exerce um determinado poder. Aqui destacamos a abordagem de Friedrich Ratzel. *Cultural*, que prioriza a dimensão simbólica e mais subjetiva; o território é visto como o produto do imaginário, ou da identidade regional, assim destaca-se a abordagem de Félix Guattari. *Econômica*, minoritária e é muitas vezes economicista, que analisa o território através de uma análise material, concreta, como produto espacial das classes sociais e da relação capital-trabalho.

Conforme HAESBAERT (1997), os territórios são constituídos de redes, porém, as redes não podem ser vistas simplesmente como “destruidoras” de territórios. As redes podem ser a base de um processo de reterritorialização, ou da formação de novos territórios. Como bem enfatiza RAFFESTIN (apud HAESBAERT, 1997) a rede faz e desfaz o espaço, formando o território, podendo tanto libertar, como aprisionar, sendo determinado pelo poder. Deste modo o território sempre foi constituído de redes. Enfim, há, no território, a constituição de obras e relações sociais, como demonstrara Saquet (2003), tanto no espaço urbano como no rural. Neste último, há de se enfatizar a agricultura familiar, nosso tema de abordagem neste texto. Nesse sentido, vale retomar uma obra clássica: KAUTSKY (1986). Para este autor, a família camponesa, no século XIX, era complementar ou quase auto-suficiente, não só produzia seu próprio alimento, como também construía sua própria casa, fabricava seus móveis e inclusive a maioria de suas ferramentas, curtia o couro e o linho, fabricando suas próprias roupas. O camponês vendia apenas o excedente de sua produção. Se compararmos com a sociedade atual, observamos uma enorme mudança econômica de lá para cá. A indústria urbana e o comércio foram os primeiros a acabar

com a “profissão do agricultor”. Para KAUTSKY (1986), foi nesse período que a indústria começa a superar o agricultor, com a fabricação de ferramentas e implementos agrícolas para suprir o que o agricultor não era capaz de fazer. Com isso a única maneira do camponês “ganhar” dinheiro foi converter seus produtos em dinheiro, levando-os até o mercado e comercializando. Assim a demanda de dinheiro cresceu aceleradamente. Quanto mais o camponês dependia do mercado, mais dinheiro ele precisava para sua sobrevivência, tornando-se capitalista.

Segundo KAUTSKY (1986), em meados do século XIX, a situação das propriedades agrícolas, bem com a situação do próprio camponês torna-se preocupante. Com o avanço da indústria e uma estrutura fundiária com menos de 5 ha, o camponês europeu torna-se um “faminto” em busca de novas terras. É no século XIX que se dá a maior imigração da Europa para outros países.

Para MARX (apud KAUSTKY, 1986), o modo de produção capitalista consiste em substituir a pequena propriedade pela grande propriedade. Quando se estuda a teoria marxista não se deve apenas olhar para o futuro da empresa agrícola. Temos que analisar todas as transformações ocorridas na agricultura, as várias fases do modo de produção capitalista. É importante analisar se o capital se “apodera” da agricultura, como se dá essa dominação e como isso influencia na agricultura atual.

Resultados obtidos

Assim, segundo DAMIANI (2002), a discussão a respeito das migrações tem a preocupação de desvendar a relação entre a dinâmica populacional e o processo de acumulação de capital. Um fenômeno de importância mundial foi o que ocorreu na idade média, como o grande êxodo na Europa; outro foi à emigração do século XIX tendo como destino principal a América. Cerca de 50 milhões de europeus foram para outros países, dirigindo-se principalmente para a América do Norte e para os países latinos, especialmente para a Argentina e o Brasil.

As condições do capitalismo nos países europeus explicam a saída desses milhões de indivíduos. Conforme Pierre George (apud DAMIANI 2002), a migração não é apenas um deslocamento humano, mas a irradiação geográfica de um sistema econômico e de uma população empobrecida e desprovida de qualquer recurso.

Ainda segundo DAMIANI (2002), a maioria da imigração brasileira é de origem italiana, decorrente principalmente da desagregação do campesinato. Esses imigrantes chegam ao Brasil e se instalam principalmente nas lavouras de café ou nos núcleos coloniais (como ocorreu no Sul do Brasil). Mas continuam com seu modo de vida camponês. Com a abolição da escravatura no século XIX, substitui-se o trabalho escravo pelo trabalho livre. Conforme SAQUET (2003), em meados do século XIX, para garantir a posse das terras do Sul do país que eram ameaçadas pelos espanhóis, era preciso diversificar a economia brasileira. Sendo assim, era preciso povoá-las, fixando o homem através de práticas agrícolas, porque até então predominavam as charqueadas e a pecuária na economia do Rio Grande do Sul. Foi a partir disso que o governo tentou promover a vinda de imigrantes ao Sul do país.

Ainda segundo SAQUET (2003), primeiramente foram os açorianos que chegam ao Rio Grande do Sul a partir de 1748, fundando cidades como Porto Alegre, Viamão, Mostardas. Porém, em termos de

povoamento e economia não foram muito bem sucedidos. Mais adiante, por volta de 1824, o governo tenta novamente colonizar o Rio Grande do Sul, promovendo a vinda de imigrantes alemães. Eles criaram várias cidades, como Santa Cruz do Sul, Venâncio Aires, São Leopoldo entre outras.

Conforme SAQUET (2003), posteriormente, foi promovida a vinda de imigrantes italianos que contribuíram muito na formação do Estado do Rio Grande do Sul. Esses imigrantes italianos estabeleceram as chamadas colônias agrícolas. As principais foram *Conde d'Eu*, atual cidade de *Garibaldi*, *Dona Isabel* atual *Bento Gonçalves*. Em 1875, o governo fundou *Nova Palmira*, hoje cidade de *Caxias do Sul*, sendo que as três cidades estão localizadas no Nordeste gaúcho. Porém, segundo SAQUET (2003), era preciso povoar outras áreas do Estado. Com isso três anos após, na porção central do Estado, funda-se a quarta colônia de imigração italiana, denominada *Silveira Martins*. As quatro colônias contribuíram muito na formação territorial do Estado do Rio Grande do Sul, principalmente na produção de alimentos e atividades familiares. A colônia *Silveira Martins* teve sua origem no desenvolvimento do capitalismo no Brasil. Este é um contexto de migrações nível internacional.

No nível interno ao Brasil, a primeira corrente migratória, a mais antiga, é de trabalhadores do Nordeste para o Sul: primeiramente para São Paulo, Rio de Janeiro e Paraná. A segunda do Nordeste em direção ao Norte e Centro-Oeste, principalmente para a região amazônica. A terceira e mais recente, é a que se dirige do Rio Grande do Sul para o Mato Grosso e Rondônia. Por trás dessas correntes migratórias está a evolução e reprodução do capitalismo no Brasil.

Para SAQUET (2003), o processo de apropriação e construção do território não é puramente econômico; o território é fruto da dinâmica social, tanto econômica, como cultural e politicamente, como ocorreu com os italianos no Rio Grande do Sul. Para este autor, as forças produtivas rudimentares, bem como a divisão social do trabalho e a produção de subsistência provocaram, na colônia *Silveira Martins*, um desenvolvimento econômico lento entre 1878 e 1950. A produção da colônia *Silveira Martins* estava voltada para a pequena produção. Nesse contexto é evidente o vasto movimento migratório da colônia *Silveira Martins* para outras regiões, como o Norte do Estado do Rio Grande do Sul, Oeste de Santa Catarina e Sudoeste do Paraná, entre outros lugares.

Para WACHOWICZ (1987), a procedência da população do Sudoeste do Paraná está caracterizada pelos três estados do Sul do país: cerca de 42,9% vieram do Estado do Rio Grande do Sul; 24,8% de Santa Catarina e 31,4% do estado do Paraná. Ainda conforme WACHOWICZ (1987), desde o início do século a população do Paraná era formada por caboclos de origem paranaense. Na década de 1950, com a migração, ocorre o aumento de gaúchos no território paranaense, em torno de 20 vezes. Jean Roche (apud WACHOWICZ, 1987), afirma que a migração gaúcha para Santa Catarina e para o Paraná começou durante a primeira guerra mundial, podendo ser entendida por consequência de problemas aculturativos surgidos no Rio Grande do Sul, por conta da infertilidade dos solos.

Ainda segundo WACHOWICZ (1987), já em meados da década de 1950/1955, inicia-se o fluxo de migrantes para a região sudoeste do Paraná. Assim a migração gaúcha acelera sua participação tornando-se majoritária. O Sudoeste, mesmo tendo fatores homogêneos de colonização, possui algumas peculiaridades. Os gaúchos estão concentrados na parcela da fronteira com a Argentina, sendo o

município de Planalto, o de maior concentração (cerca de 90%). Esse percentual diminui na parte leste e no centro da região Sudoeste, como é o caso de Mangueirinha, que tinha apenas 7,8% de gaúchos. De acordo com WACHOWICZ (1987), no leste, no centro e no norte do Sudoeste paranaense, destaca-se a colonização catarinense, como é o caso do município de Enéas Marques, com 52% de migrantes deste Estado.

O Sudoeste paranaense teve um fator determinante para sua colonização, que foi o fato do governo Getúlio Vargas ter incentivado a colonização dessas terras através da criação da CANGO (Colônia Agrícola Nacional General Osório), em 1943. Foi um programa que visava a colonização de terras do Paraná, seguindo os moldes do Norte do Paraná, onde as terras eram divididas em pequenas propriedades. Aqui, os colonos tinham por objetivo conseguir um pedaço de terra para “recomeçarem” suas vidas e tentar melhorar as condições de vida de sua família. Os migrantes estabelecem práticas e costumes articulados às suas raízes, como os pratos típicos italianos (o risoto, a polenta, o queijo), a produção agrícola de caráter familiar, bem como a afetividade com sua terra natal. E assim essas heranças culturais são passadas de geração em geração

Quadro n. 1 - Fluxo de migrantes no município de Planalto/PR.

	1970	1980	2000
Rio Grande do Sul	8.984	3.542	4.913
Santa Catarina	802	212	396
Paraná	2.903	1.756	8.619
Demais estados	3	21	182
	Total: 17.195	Total: 20.281	Total: 14.122

Fonte: IBGE censos demográficos: 1970,1980 e 2000.

A CANGO favoreceu a instalação de *gaúchos* e *catarinenses*, doando terras, sementes e ferramentas. Já em meados de 1950 o Sudoeste estava quase todo ocupado, com pessoas vindas principalmente do Rio Grande do Sul e Santa Catarina. A partir de 1950 o fluxo de imigrantes *gaúchos* e catarinenses foi muito intenso, principalmente, de origem européia (alemães, italianos e poloneses); no geral, vieram em busca de terras boas e baratas. No Sudoeste do Paraná, com a crescente vinda de migrantes que constituíram a chamada *frente colonial*, patrocinada pelo Estado, podemos analisar o reflexo cultural de alguns países europeus. Isto se deve a disseminação *regional* de costumes (simbólicos) provenientes dos migrantes que, de alguma forma, re-produziram localmente muitas características dos modos de vida de seus antepassados, que compunham a *essência* de diversas sociedades européias.

Neste contexto, Planalto apresenta um fluxo migratório de *gaúchos* muito acentuado na década de 1960. Esse número chegava a 52% da população total do município. Santa Catarina representava 4% e os nascidos no Paraná representavam 16% da população total. É nesse período que o fluxo de migrantes é bem acentuado com o incentivo da CANGO. Esses migrantes vieram para o município em busca de terras férteis e baratas para melhorarem suas vidas, que no Rio Grande do Sul e Santa Catarina estava

difícil, em virtude do fato das famílias serem numerosas; da fragmentação das terras; da descapitalização; da concentração da terra etc. Migram para Planalto em busca da chamada terra ‘vermelha’. Esses *gaúchos* e *catarinenses* montaram uma *verdadeira* frente de colonização, colonizando e transformando o município de Planalto com seus costumes e tradições.

Já na década de 1980, Planalto apresenta 34% de *gaúchos*, 2% de catarinenses, e os nascidos no Paraná representam 61% da população. Aqui é importante ressaltar o fato de os nascidos em Planalto constituírem a maioria da população; esses planaltinos são filhos, netos ou até bisnetos dos migrantes gaúchos e catarinenses que colonizaram e contribuíram na formação territorial do município.

Quadro n. 2 - População do município de Planalto/PR entre 1970 e 2000.

	Urbana	%	Rural	%	Total
1970	2.217	13	14.978	87	17.195
1980	3.650	18	16.631	82	20.281
1991	4.075	27	11.017	73	15.092
1996	4.731	33	9.712	67	14.443
2000	4.814	34	9.308	66	14.122

Fonte: IBGE Censos Demográficos: 1970, 1980, 1991, 2000, 1996 (contagem).

Planalto, possui uma população voltada para a agricultura familiar (subsistência). Na década de 1960 apresentava uma população de 17.195 habitantes, porém na década de 1970 esse número aumenta em cerca de 15%, chegando ao número de 20.281 habitantes. Isto se deve à migração já mencionada.

Porém, essa população decresce desde 1980, até hoje em cerca de 6,5%. segundo alguns depoimentos, isso se deve à falta de oportunidade trabalho, pois o município não oferece esta possibilidade, principalmente para os jovens que sonham em estudar e conseguir uma vida melhor. Também, muitos migram para a cidade porque estão cansados da vida no campo, pela falta de incentivo e oportunidades, juntamente com a distância das comunidades em relação à cidade. Esses jovens vêm na cidade a possibilidade de realizar seus sonhos, como estudar e trabalhar, mesmo as pessoas mais velhas, cansadas de tanto trabalhar e não receber apoio para continuarem no campo, migram para a cidade em busca de emprego e uma vida menos sofrida. Por isso, aumenta a população urbana do município de Planalto, desde a década de 1970.

Muitas vezes os agricultores vendem suas terras e acabam trabalhando na cidade por um baixo salário. Analisando algumas entrevistas, notamos claramente a migração de jovens para outros estados como São Paulo para trabalhar em restaurantes; Rondônia, Acre, Roraima Mato e Grosso em busca de terras baratas.

Quadro n. 3 - Evolução da estrutura fundiária no município de Planalto/PR.

	Propriedades em 1970	Área ha	Propriedades em 1980	Área ha	Propriedades em 2000	Área ha
Menos de 10	1.161	6.852	1.831	9.302	1.253	7.493
10 a menos de 20	803	11.307	854	11.576	768	10.600
20 a menos de 50	416	11.572	359	9.811	339	9.407
50 a menos de 100	26	1.727	42	2.885	51	3.265
100 a menos de 200	4	536	5	577	11	1.431
200 a menos de 500	2	561	1	277	3	872

Fonte: IBGE (Censos Agropecuários, 1970 e 1980). Prefeitura Municipal, 2000.

Esta estruturação das propriedades, de fato, dificulta e/ou impossibilita, associada à dinâmica econômica de dominação social, a re-produção de muitos camponeses em Planalto e mesmo em outros lugares.

Ao mesmo tempo, no município de Planalto, segundo dados do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Planalto/PR, existem algumas agroindústrias familiares, construídas para complementar as atividades agrícolas. De acordo com o presidente do Sindicato, isso se deve ao fato da prefeitura não dar o devido apoio para as famílias que têm as agroindústrias familiares. As unidades produtivas que identificamos são as seguintes: 1) Omitra (associação que produz conservas), tendo como proprietários a família de Oraci Paranhos e João Bauer; 2) São Vicente (produz açúcar mascavo e bolachas), de propriedade de Wilson Budske e família; 3) São Marcos (associação que produz açúcar mascavo e melado), tendo como proprietário Fredolino Sturp, Alfredo Evald, Flávio Pligari e Mateus Sturp; 4) Rohden (produz queijos e derivados), de propriedade da família Rohden.

A agricultura no município de Planalto vem se modificando ao longo dos anos, um exemplo disso é a cultura do fumo que não existia na década de 1960, e a partir da década de 1970 se expande no município, obtendo até os dias atuais um aumento de produtores em 60%, aumento na quantidade produzida em 80% e também na quantidade de área plantada em 72%. Segundo informações do Secretário de Agricultura da Prefeitura Municipal de Planalto, o município é hoje o maior produtor de fumo do estado do Paraná.

Outra cultura que vem tendo destaque no município de Planalto é a cultura da soja, desde a década de 1960 até os dias atuais, essa cultura vem ganhando espaço na economia do município com um aumento na quantidade produzida, em cerca de 63%, porém, diminui o número de produtores em 38%. Aqui é interessante ressaltar a implantação da máquina nas lavouras de soja diminuindo assim o número de trabalhadores.

Há também o trigo que obteve um aumento bastante significativo desde a década de 1960, em produtividade e número de produtores. A quantidade em toneladas aumentou em cerca de 94%, porém, o número de produtores diminui em 12%, e a quantidade de área produzida aumenta em 80%. O trigo é

uma cultura bastante desenvolvida no município de Planalto, até pelo fato do município possuir alguns moinhos.

Mas existem algumas culturas que anteriormente eram muito produzidas e desde a década de 1970 tiveram uma queda muito acentuada, como é o caso do feijão: sua produção caiu 85%, o número de produtores em 79%, bem como a área produzida caiu em 83%. Outro exemplo, é o caso do arroz: desde a década de 1970, o arroz vem apresentando uma queda bem acentuada, a produção caiu em torno de 95%, bem como o número de produtores caiu em 86%, e a área em 93%. Segundo alguns depoimentos, o arroz é um produto que exige muito cuidado por ser sensível à várias pragas, bem como é inviável para o pequeno produtor produzir em pequenas quantidades, por ter seu custo muito elevado. Assim outras culturas são implantadas por serem mais resistentes, “baratas” e com um grau de lucratividade maior como é o caso do trigo, da soja e principalmente o fumo.

Na década de 1960 o município apresentava 14 madeireiras, isso se deve ao fato de, nesta época, estar sendo colonizado por gaúchos e catarinenses e assim começa a exploração desta região e principalmente da madeira. Porém, esse número cai para apenas uma na década de 1970 e, em 2000, esse número novamente aumenta para 9. Esse novo aumento, segundo o secretário da agricultura de Planalto, acontece nesse período pela abertura de algumas indústrias moveleiras com o incentivo da prefeitura.

O município também apresenta 23 indústrias químicas, bem como 3 indústrias têxteis, entre elas, segundo o vice-prefeito, encontra-se a Rocamp, indústria que confecciona os uniformes da seleção brasileira de futebol. Podemos destacar também a cachaçaria Matraga, que vende sua produção em vários estados, como Santa Catarina, São Paulo, Rio Grande do Sul, bem como no Paraná. Enfim, há uma conjugação específica em Planalto, centrada na agricultura familiar, em que, a agroindústria também familiar complementa a renda de algumas famílias. Também, há uma estrutura fundiária baseada em pequenas propriedades, fruto do processo de colonização. Em virtude de fatores conjunturais e estruturais, muitos agricultores têm migrado para outros lugares, sejam eles urbanos ou rurais, diminuindo a população de Planalto, na maioria, descendente de europeus que reproduziram hábitos e costumes de seus ancestrais.

Considerações finais

Alguns resultados obtidos até então, são os seguintes: a) muitos dos pioneiros de Planalto/PR vieram do Rio Grande do Sul, motivados por fatores econômicos, políticos e culturais; b) instituem, em Planalto, a agricultura camponesa, com culturas e práticas produtivas antes estabelecidas na sua terra natal. Reproduzem conhecimentos e experiências, no cultivo do fumo, arroz, trigo e uva; c) ligado a isto, estabelecem algumas unidades produtivas artesanais, como a produção de açúcar mascavo, o melado e os queijos; d) condicionados por agentes da colonização no Sudoeste do Paraná, adquirem as terras retalhadas de Planalto, o que configura uma estrutura fundiária centrada em pequenas propriedades e na policultura; e) instituem, neste município, a produção familiar, baseada no trabalho dos membros da família agricultora; f) reproduzem o culto aos santos e à religiosidade, muito bem claro nos depoimentos

que coletamos; g) praticam hábitos culinários semelhantes a seus ancestrais, no Rio Grande do Sul e na Itália etc. Conforme os dados do IBGE, fica clara a concentração de *gaúchos* no município de Planalto. Muitos são descendentes de famílias italianas, naturais de municípios como Faxinal do Soturno e Ivorá, área correspondente à colônia Silveira Martins, no Rio Grande do Sul.

Referências

- BELLINASSO, Diac. Severino. *Ivorá – 100 anos de história* (1883-1983). Santa Maria/RS: Pallotti, 1984.
- BONETI, Lindomar. *Formação e Apropriação do Espaço Territorial do Sudoeste do Paraná*. In: ALVES, A.; FLÁVIO, L.; SANTOS, R. Espaço e Território: Interpretações e Perspectivas de Desenvolvimento. Francisco Beltrão: UNIOESTE, 2005. p. 109-124.
- CORRÊA, Roberto Lobato, *Espaço um conceito chave para a geografia* in: ELIAS, I.; COSTA GOMES.; P. C. Conceitos e temas: Rio de Janeiro: Bertrand, 1995. p.15-47
- DAMIANI, Amélia Luisa. *População e Geografia*. São Paulo/SP: Contexto, 2002.
- HAESBAERT, Rogério. *Desterritorialização e identidade: a rede gaúcha no nordeste*. Niterói/RJ: Eduff, 1997.
- _____. *Des – caminhos e perspectivas do Território*. In: RIBAS, A.; SPOSITO, E.; SAQUET, M. Território e Desenvolvimento: diferentes abordagens. Francisco Beltrão: UNIOESTE, 2004. p. 87–119.
- KAUTSTY, Karl. *A questão agrária*. São Paulo: Abril cultural, 1986.
- RUBIN, Dorvalino. *Faxinal do Soturno – 50 anos de sua igreja*. Santa Maria/RS: Pallotti, 1987.
- SAQUET, Marcos. *Colonização italiana e agricultura familiar*. Porto Alegre/RS: Est Edições, 2002.
- _____. *Os tempos e os territórios da colonização italiana: o desenvolvimento econômico da colônia Silveira Martins/RS*. Porto Alegre/RS: Est Edições, 2003.
- _____. *Territórios e diferentes abordagens na literatura italiana* in RIBAS, A.; SPOSITO, E.; SAQUET, M. Território e Desenvolvimento: diferentes abordagens. Francisco Beltrão: UNIOESTE, 2004. p.121-147.
- SANTOS, Milton. *Metamorfoses do espaço habitado*. São Paulo: Hucitec, 1988.
- TAVARES DOS SANTOS, J. V. *Colonos do vinho – estudo sobre a subordinação do trabalho camponês ao capital*. São Paulo: Hucitec, 1978.
- VALVERDE, Orlando. *Estudo de Geografia Agrária Brasileira*. Petrópolis/RJ: Vozes, 1985.
- WACHOWICZ, Ruy Christovam. *Paraná, Sudoeste, Ocupação e Colonização*. Curitiba: Ed. Vicentina, 1987.